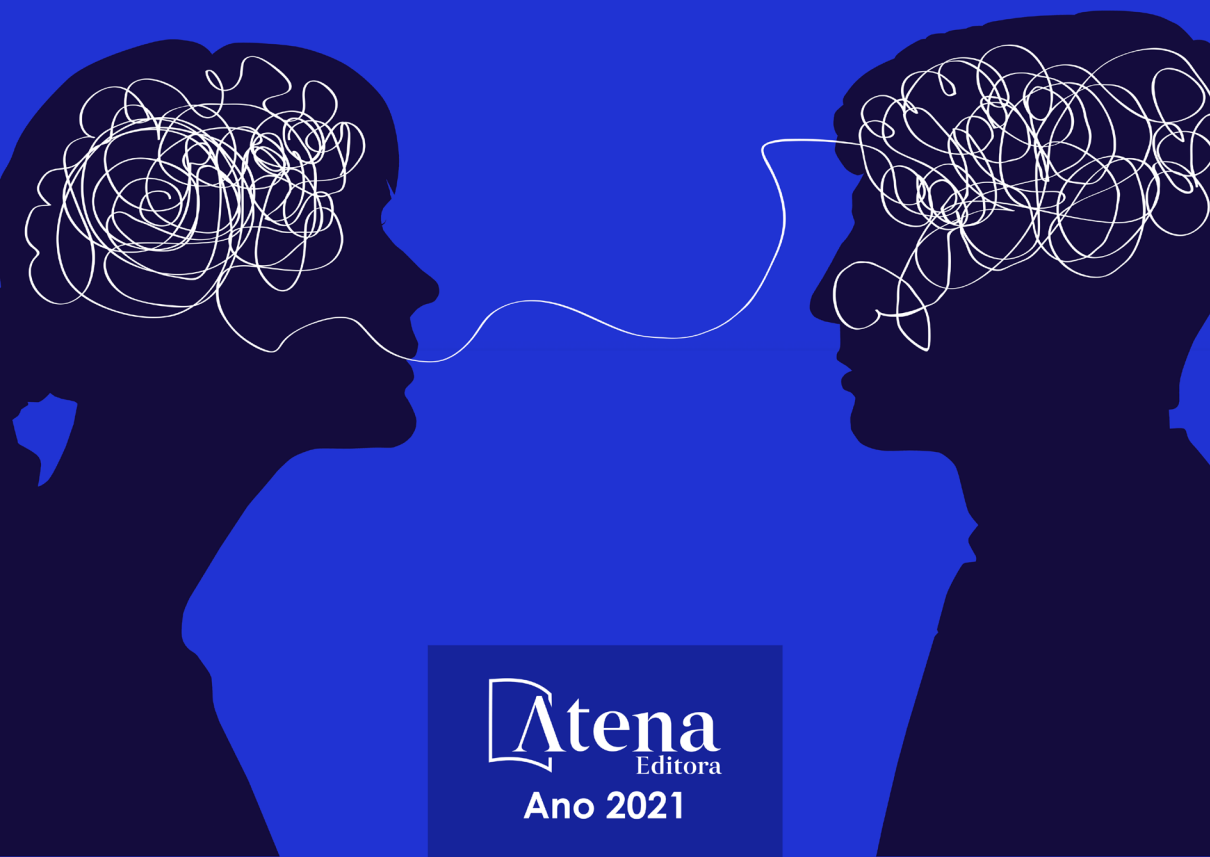


# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

Fernanda Tonelli  
Lilian de Souza  
(Organizadoras)

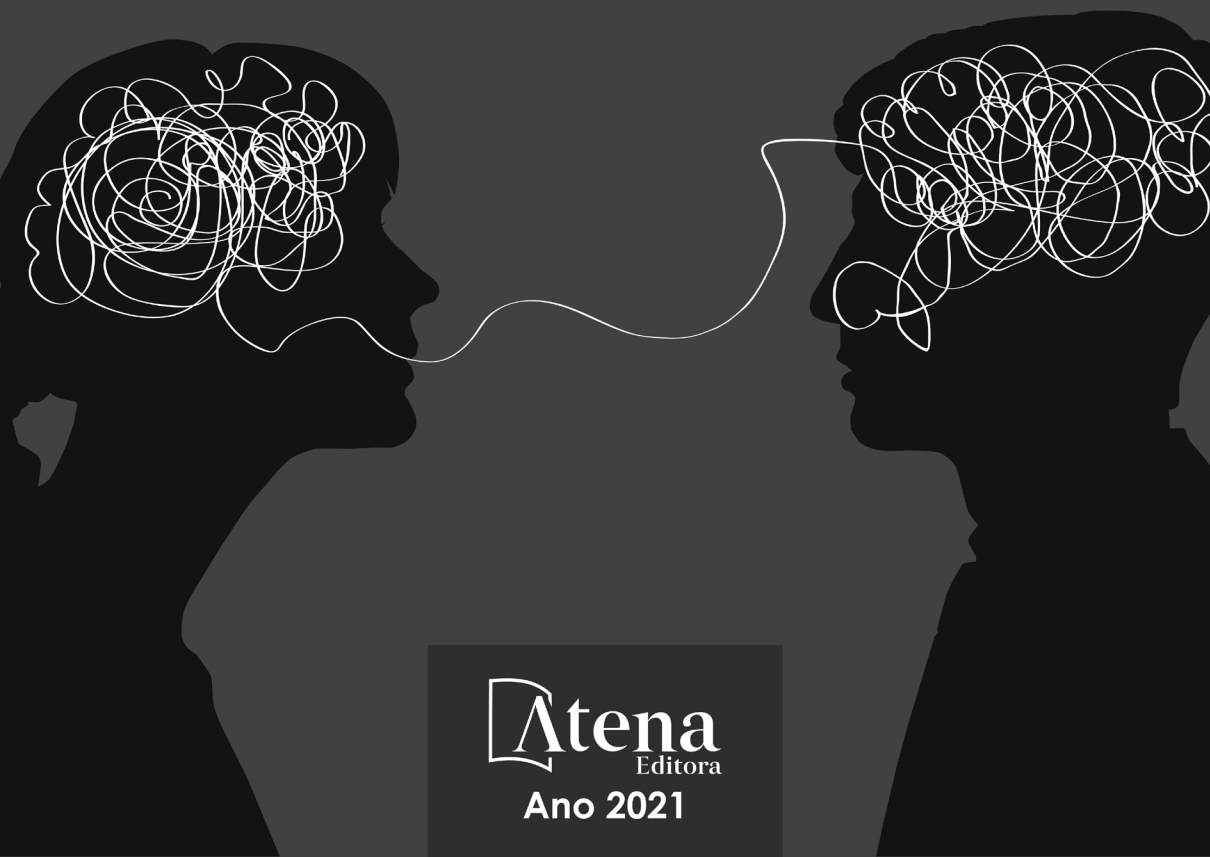


**Atena**  
Editora

Ano 2021

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

Fernanda Tonelli  
Lilian de Souza  
(Organizadoras)



**Atena**  
Editora

Ano 2021

**Editora Chefe**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfnas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Linguística, letras e artes: culturas e identidades 3

**Editora Chefe:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremona  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Fernanda Tonelli  
Lilian de Souza

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: culturas e identidades 3 / Organizadoras Fernanda Tonelli, Lilian de Souza. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-946-2

DOI 10.22533/at.ed.462213003

1. Linguística. 2. Arte. 3. Literatura. 4. Educação. I. Tonelli, Fernanda (Organizadora). II. Souza, Lilian de (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Esta obra concentra discussões sobre práticas e saberes pertencentes às áreas de Arte, de Literatura e de Educação. É composta de vinte e seis capítulos, com discussões (sendo muitas delas interdisciplinares) que perpassam diferentes linguagens do campo artístico, tais como literatura, cinema, música, pintura, performance, quadrinhos, entre outras. A diversidade também está inscrita nas temáticas abordadas por suas autoras e seus autores, que alinham com maestria questões relacionadas à educação, à sociedade e ao sujeito, ao mesmo tempo em que olham para elementos constitutivos da própria linguagem artística.

As discussões suscitadas nesta obra contemplam aspectos de ordem individual e coletiva e nos convidam a refletir sobre o papel da arte e da literatura como proposição, representação e resistência. Diante do quadro de pandemia que nos assola, nos enche de alento ver que arte e literatura continuam a denunciar problemas sociais, como nas discussões aqui apresentadas sobre política, a tríade racismo, machismo e patriarcado e a (des)construção das identidades, o papel dos (anti)monumentos, os embates entre tradição e modernidade e a crítica cultural.

Outrossim, os capítulos que seguem nos mostram ações possíveis ao tratar de ativismo, da presença de cotistas negros na formação docente, do combate à ansiedade na performance musical e da criação de Instaurações Cênicas para o desenvolvimento da saúde mental no período de pandemia. São temáticas tratadas tanto no âmbito educacional quanto vivenciadas no entorno social e que urgem por serem invisibilizadas em uma sociedade cujo silêncio conveniente está disseminado.

Por isso, agradecemos à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às autoras e autores que contribuíram aqui com seus trabalhos.

Assim, este livro é um convite às/aos estudantes, docentes, artistas e demais representantes da sociedade civil que se interessam em construir coletivamente esses diálogos plurais.

Boa leitura!

Fernanda Tonelli  
Lilian de Souza

## SUMÁRIO

### DIFERENTES LINGUAGENS DA ARTE

#### **CAPÍTULO 1..... 1**

JAZZ, UM ESTRANHO NO NINHO DO SAMBA? (BRASIL, ANOS 1910-1960)

Adalberto Paranhos

**DOI 10.22533/at.ed.4622130031**

#### **CAPÍTULO 2..... 17**

MUSICOLOGIA, RACIALIZAÇÃO E RENATO ALMEIDA

Jonatha Maximiniano do Carmo

**DOI 10.22533/at.ed.4622130032**

#### **CAPÍTULO 3..... 25**

O MELODRAMA E A METAFICÇÃO NA NARRATIVA FÍLMICA *A ROSA PÚRPURA DO CAIRO* (1985), DE WOODY ALLEN

Mariana Alice de Souza Miranda

**DOI 10.22533/at.ed.4622130033**

#### **CAPÍTULO 4..... 44**

DAS TRIPAS CORAÇÃO: UM GOZO SUPLEMENTAR

Elisangela Miras

**DOI 10.22533/at.ed.4622130034**

#### **CAPÍTULO 5..... 50**

ARTE E IDEOLOGIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO: O JAZIGO-CAPELA DE JOAQUIM NABUCO EM FOCO

Davi Kiermes Tavares

José Paulo Seifert Brahm

Diego Lemos Ribeiro

**DOI 10.22533/at.ed.4622130035**

#### **CAPÍTULO 6..... 66**

AS ORIGENS DO *SMASH*: O PODER DAS ILUSTRAÇÕES QUE DÃO VIDA AO INCRÍVEL HULK

Alyssa Carolina Barbosa Marques Gedo

**DOI 10.22533/at.ed.4622130036**

#### **CAPÍTULO 7..... 78**

A FIGURAÇÃO DO GROTESCO EM FRANCISCO DE GOYA

Marianna Bernartt Silva

Jorge Antonio Berndt

Valdeci Batista de Melo Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.4622130037**

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>91</b>
“MEU NOME É_” - VIDEOINSTALAÇÃO, PERFORMANCE E ESCRITA SOBRE O CORPO EM TRÂNSITO NA CIDADE DE SÃO PAULO	
Talita Caselato	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4622130038</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>101</b>
A CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA	
Wilma Lima Maciel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4622130039</b>	
<b>FACES DA LITERATURA</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
TEMPORALIDADE COMO PROBLEMA HISTÓRICO EM <i>A MONTANHA MÁGICA</i> , DE THOMAS MANN	
Gong Li Cheng	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300310</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>133</b>
O LUGAR DA TRADIÇÃO EM UNGULANI BA KA KHOSA	
Carina Marques Duarte	
Renata Domingos Opimi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300311</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>142</b>
AS TRÊS IRMÃS, DE MIA COUTO: ANÁLISE LITERÁRIA	
Wagner Lopes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300312</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>154</b>
ENTRE O CONTINGENTE E O TRANSCENDENTE: UM BREVE ESTUDO DAS OBRAS <i>APARIÇÃO E ALEGRIA BREVE</i> , DE VERGÍLIO FERREIRA	
Maria José Pinto de Carvalho	
Daniele dos Santos Rosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300313</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>173</b>
O GUARANI – UM OLHAR PARA O PASSADO PARA A COMPREENSÃO DO PRESENTE	
Monique Berwanger	
Maristella Letícia Selli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300314</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>185</b>
A IRONIA E O SUICÍDIO COMO FIGURAS DE LINGUAGEM NA LITERATURA E NA POÉTICA DE ANA CRISTINA CESAR	
André Luís de Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300315</b>	

<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>201</b>
O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA NEGRA NAS PERSONAGENS PECOLA DE “O OLHO MAIS AZUL” E IFEMELU EM “AMERICANAH”	
Bianca de Carvalho Lopes Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300316</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>208</b>
A EMANCIPAÇÃO DA MULHER NA OBRA “A DIVORCIADA”, DE FRANCISCA CLOTILDE	
Erika Maria Albuquerque Sousa	
Solange Santana Guimarães Morais	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300317</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>215</b>
O JOGO FICCIONAL E A CONSTRUÇÃO DA CULPA EM <i>O ALIENISTA</i> E <i>A HORA DA ESTRELA</i>	
Angeli Rose do Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300318</b>	
<b>EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA</b>	
<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>229</b>
A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA COMO FORMA DE MANTER A CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA	
Wilma Lima Maciel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300319</b>	
<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>240</b>
A ARTE COMO FORMA DE EXISTIR, RESISTIR E REEXISTIR	
Lucas Bezerra Furtado	
Nara Graça Salles	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300320</b>	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>247</b>
PSICOLOGIA DA PERFORMANCE – CONTRIBUTOS PARA A SUA INTRODUÇÃO NO CURRÍCULO DO ENSINO ARTÍSTICO ESPECIALIZADO DE MÚSICA EM PORTUGAL	
Catarina de Andrade Silva	
Helena Maria da Silva Santana	
Anabela Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300321</b>	
<b>CAPÍTULO 22.....</b>	<b>261</b>
RACISMO NA MÚSICA: UMA PESQUISA SOBRE O RACISMO NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE COTISTAS NEGROS EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA	
Luiz Carlos Vieira Junior	
Rayssa Karoline Rodrigues Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300322</b>	

<b>CAPÍTULO 23.....</b>	<b>272</b>
IDENTIDADES SOCIAIS FEMININAS EM LETRAS DE FUNK: FRAGMENTAÇÃO E NATURALIZAÇÃO	
Francisca Cordelia Oliveira da Silva	
Milena Fernandes da Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300323</b>	
<b>CAPÍTULO 24.....</b>	<b>291</b>
MATERIAIS EDUCATIVOS E O CONTEXTO PANDÊMICO	
Renan Silva do Espirito Santo	
Ursula Rosa da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300324</b>	
<b>CAPÍTULO 25.....</b>	<b>296</b>
MEMÓRIAS, APAGAMENTOS E RESISTÊNCIAS: COLETIVO APARECIDOS POLÍTICOS	
Maria Giovanna Walerko Moreira	
Felipe Bernardes Caldas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300325</b>	
<b>CAPÍTULO 26.....</b>	<b>300</b>
UMA COLCHA PARA O LEITO DOS AUSENTES: MONUMENTOS DE PANO COBREM AS PEDRAS DA CAPITAL AMERICANA	
Victor Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300326</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS.....</b>	<b>311</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>312</b>

# CAPÍTULO 26

## UMA COLCHA PARA O LEITO DOS AUSENTES: MONUMENTOS DE PANO COBREM AS PEDRAS DA CAPITAL AMERICANA

Data de aceite: 30/03/2021

Data de submissão: 05/01/2021

**Victor Santos**

Universidade Estadual de Campinas  
Campinas

**RESUMO:** O presente artigo busca discutir “NAMES Project AIDS Memorial Quilt”, o maior projeto arte comunitária ainda em processo. Foi uma das principais respostas do ativismo cultural e artístico mobilizado durante os anos 80 e 90, momentos agudos da epidemia de HIV/AIDS nos EUA. Pretende-se analisar alguns aspectos de sua primeira formulação em 1987, em Washington, D.C., e sua relação de tensionamento com outros memoriais e monumentos da cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Monumentos e antimonumentos, arte LGBT, HIV/AIDS, NAMES Project AIDS Memorial Quilt.*

**A QUILT FOR THE ABSENT'S BED: SOME  
FABRIC MONUMENTS WERE COVERING  
THE STONES OF THE AMERICAN  
CAPITAL**

**ABSTRACT:** This essay discusses “NAMES Project AIDS Memorial Quilt”, the ongoing and largest community art project. It was one of the main cultural and artistic activism responses during the 80s and 90s HIV / AIDS crisis in USA. The essay intends to analyze some aspects of its first presentation in 1987, Washington, D.C., within its stressed relationship between other

public memorials and monuments of the city.

**KEYWORDS:** *Monuments and antmonuments, LGBT art, HIV/AIDS, NAMES Project AIDS Memorial Quilt.*

*Oh, chame-se outra coisa!*

*O que há num nome? O que chamamos rosa*

*Teria o mesmo cheiro com outro nome.*

WILLIAM SHAKESPEARE, *Romeu e Julieta*

Muitas das nossas disputas contemporâneas ocorrem ao entorno da memória e da reivindicação de nomes. Longe de ser um fenômeno isolado ou original de nosso período, é, no entanto, indispensável reconhecer o potencial de mobilização e comoção que essas reivindicações encontraram nas atuais agendas políticas.

Se, por um lado, há uma necessidade legítima de realizar a crítica a algumas suposições anteriormente tidas como naturais, como consequência colateral desse processo percebe-se um esforço, por parte de alguns setores, em empreender um revisionismo bastante destrutivo em torno da História e de sua legitimidade enquanto área de conhecimento científico. Em meio a essa encruzilhada, a categoria da sexualidade – posta em questão enquanto produtora de conhecimentos legítimos e determinações indispensáveis para a análise concreta das dinâmicas sociais – é uma das



principais áreas que tem sido bastante tensionada nesse sentido.

De forma antagônica, na qual se evidencia as dinâmicas e disputas de projetos de opostos de sociedade, percebe-se por um lado um recrudescimento nas alas conservadoras de discursos e práticas políticas que buscam reafirmar uma suposta tradição de valores universais, naturais e ahistóricos do homem, da mulher, da família e os locais em que cada um deve ocupar no corpo social. Por outro lado, o acúmulo histórico dos movimentos feministas e LGBT, em relação a outros movimentos como as lutas por igualdade racial e as lutas dos trabalhadores nas dinâmicas contemporâneas do fazer político, permitiram que essas agendas se popularizassem e até, em certa medida, provocassem se não as mudanças estruturais tão concretas quanto as desejadas, ao menos tornou mais ou menos incontornável serem levados em consideração na esfera pública. As reivindicações à essa perspectiva acritica das estruturas é posta como uma ameaça às tradições imutáveis e incontestavelmente verdadeiras, mobilizando um vasto e complexo arranjo de reações violentas, as quais não somos estranhos.

Não se trata, novamente, de um evento historicamente isolado ou particular de nosso tempo, mas parte do processo dinâmico das disputas sociais e sua interpelação de forças, negação e a superação de momentos, estes determinados e determinantes de uma série de fatores econômicos e políticos. Dessa maneira, se insere as disputas em torno da igualdade de gênero e de orientação sexual como parte de um processo mais amplo de lutas contra as opressões.

A marginalidade, e tudo mais que ela mobiliza, imposta aos grupos que hoje classificamos como comunidade LGBT, pela ideologia que afirma a heterossexualidade como única forma de expressão sexual e organização familiar natural (RICH, 2010), não apenas cria uma série de dificuldades na vida e experiência cotidiana desses indivíduos, mas no âmbito da análise teórica uma série de problemáticas deve ser considerada cuidadosamente.

\*\*A questão da homossexualidade articula uma série de categorias de análise que, ocultas pelas inversões da **ideologia**<sup>1</sup>, incorrem a preconceitos e vulgarizações, ora não são analisados com o rigor metodológico necessário para se construir um conhecimento robusto à altura da tarefa de superar sua precária condição. Mesmo entre aqueles diretamente afetados pela homofobia, não se pode esperar de antemão, nem na instância cotidiana tampouco na produção teórica, a não reprodução dessas inversões ideológicas.

1 A utilização dos termos "ideologia" e "ideológico" aqui possui uma significação bastante específica. Eles não são empregados da mesma maneira que aparecem no discurso corrente, como, por exemplo, um mero conjunto de ideias ou mesmo um conjunto de ideias e posturas que dizem respeito a determinado grupo; nem mesmo trata-se de uma "visão de mundo" ou "formas de consciência específicas". Mauro Iasi, se aproximando do modo como Marx e Engels empregam a categoria de ideologia em suas obras, apresenta esta categoria como uma "inversão", ou seja, um ocultamento de relações que, numa sociedade dividida em interesses antagônicos, se transmite enquanto universal e natural um interesse particular (o das classes dominantes), e não como uma ferramenta particular de dominação. Essa relação invertida se expressa nas mais diversas esferas da vida como na política, na religião e nas representações artísticas, por exemplo. Nas palavras de Marx e Engels em *A Ideologia Alemã*: "As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes". (MARX, ENGELS, 2007, pág. 47. Apud IASI, 2015, pág. 12).

No ambiente escolar, por exemplo, se tomarmos a discussão da sexualidade como parâmetro, se torna mais do que evidente a série de complicações impostas à formação crítica dos alunos. Olhemos, então, para os livros didáticos e o que podemos encontrar impresso em suas páginas em palavras e figuras: a colonização e o imperialismo nos permite historicizar o racismo; conhecer as lutas sufragistas oferece algum parâmetro para contextualizar um setor da luta das mulheres por igualdade. Conforme avançamos pela história do século XX, como exemplo de história contemporânea das potências capitalistas é possível que encontremos, mesmo que na forma de nota de rodapé, menção aos Panteras Negras ou ao feminismo da segunda onda. No entanto, é pouco provável que se encontre nessas páginas os nomes Revolta de Stonewall, Marsha P. Johnson ou Harvey Milk, importantes ícones das lutas pela liberação gay que darão as bases para constituição do movimento LGBT. Ao de discutir os anos de ditadura militar brasileira, não se referencia as operações de limpeza social empreendida pela polícia contra as travestis paulistanas ou a revolta de lésbicas no Ferro's Bar, em São Paulo, como manifestações de resistência contra o regime repressor.

Apesar das iniciativas governamentais de incluir o debate de diversidade sexual e de gênero nas escolas, como é exemplo o caderno Escola Sem Homofobia, as pressões conversadoras tornam o ambiente educacional bastante hostil a esses projetos, muitas vezes deturpando seu real conteúdo a fim de incitar o pânico moral frente à opinião pública.

A naturalização da superioridade dos homens sobre as mulheres e dos brancos sobre às demais raças, apesar de suas óbvias limitações de consolidação material, já foi desmistificado; porém a determinação a heterossexualidade ainda não o foi, como afirma Monique Witting:

(...) permanece dentro dessa cultura um cerne de natureza que resiste a averiguação, um relacionamento excluído do social na análise - um relacionamento cuja característica é a inevitabilidade da cultura, assim como da natureza, que é o relacionamento heterossexual. (...) A consequência dessa tendência à universalidade é que o pensamento heterossexual não consegue conceber uma cultura, uma sociedade na qual a heterossexualidade não ordene não apenas todas as relações humanas mas também a sua própria produção de conceitos e todos os processos que escapam à consciência. (WITTING, 2017, p. 57).

Como um problema aparentemente incompreensível em sua superfície, de geração espontânea, a existência dos homossexuais, sua luta interna e sua luta política aparecem como uma incógnita, algo que é de bom tom não mencionar porque o sexo pertence à esfera da vida privada: “não pergunte, não fale”<sup>2</sup>. Essa perspectiva contribui para o sentimento de isolamento e medo que muitos homossexuais começam a sentir durante seus anos de formação e que se mantém indefinidamente ao longo da vida – entre a chacota a as chantagens emocionais, diante do perigo eminente de serem descobertos à força, todas

2 Referência ao slogan “Don’t ask, don’t tell” do exército americano, que tinha como um dos intuitos encobrir a homossexualidade de seus membros.

essas ameaças são como um princípio fantasmático que retorna e persiste sempre em retornar, um estigma que sucinta uma espécie bastante particular de sofrimento àqueles que padecem do “amor que recusa a dizer seu nome” (DOUGLAS. Apud. WILDE, 2002, p.41), que necessita ser escondido no armário ou, quando se tem má sorte, se é arrancado dele à força.

Pode-se pensar a metáfora do armário, também, em sua perspectiva mais positiva: um primeiro passo para uma emancipação das opressões que atravessa às questões dos homossexuais, mas não se esgota nelas. Tirar do armário da indeterminação e dar um nome próprio, histórico de luta, de sobrevivência às normativas heterocentradas e reconhecer um rico legado cultural e artístico: é neste contexto que a ação de arte comunitária NAMES Project AIDS Memorial Quilt se insere, oferecendo recursos para apontar e discutir algumas das problemáticas relações levantadas anteriormente. Composto por colchas de retalhos realizadas por pessoas que desejam homenagear a memória de familiares e amigos perdidos para as doenças associadas a AIDS, o projeto recolhe esses materiais e organiza grandes exposições ao ar livre como forma de protesto e luto coletivo desde 1987.

Com a consolidação dos movimentos pelos direitos civis da população homossexual nos EUA – processo iniciado durante os anos 60 e que se torna mais marcadamente organizado ao longo da década de 70 –, a luta se insere num contexto maior de reivindicações. Os anos pós Segunda Guerra são marcados por uma efervescência política que irá culminar na contracultura, na luta pelos direitos civis da população negra, na luta das mulheres e, após o confronto entre os frequentadores do bar Stonewall In, público composto por homossexuais e travestis, e a política em 1969, esse grupo se revolta com o histórico de abusos e violência e, organizando-se, passam a reivindicar seus direitos de cidadãos. Vale ressaltar que, nesse período, as práticas homossexuais eram criminalizadas em muitos estados norte-americanos e classificadas, até 1990 pela Organização Mundial de Saúde, como um transtorno mental.

Ao final de uma década efervescente de disputas no plano político e cultural, juntamente com a crise econômica, a ascensão da ala conservadora cristã, à sombra do presidente Reagan, transforma os rumos das mobilizações populares. Além da retração nas pautas progressistas, a nova década marca mudanças radicais que irão intervir diretamente nas vidas em escala mundial e, num primeiro momento, mais incisivamente na vida dos homens homossexuais. Em 1981, uma nova doença começa a preocupar os profissionais da saúde nos EUA e, de uma patologização a outra, do transtorno mental ao corpo infeccioso, os homossexuais foram mais uma vez reinscritos na abjeção.

Até assumir a nomenclatura atual de HIV, a movimentação ao entorno da escolha de nomes para a nova doença não poderia ser um registro mais autoevidente da mentalidade fóbica da época. Num primeiro momento, deu-se a ela o nome provisório de GRID: *Gay related imunodeficiense desies*, popularizado como “peste gay” ou “câncer gay” nos veículos de comunicação de massa, provocando um estado de pânico social que agravou

as já complexas formas de opressão homofobias. Os conservadores se apropriaram da conjuntura para reafirmar seu discurso de que os avanços conquistados pela liberação sexual provocaram a ira e o castigo divino, manifesto nos principais grupos afetados, por buscarem transgredir a ordem natural do mundo: a heterossexualidade e o sexo reprodutivo para a constituição do núcleo familiar tradicional. (CRIMP, 2017, p. 108)

Em 1982, ao perceber-se que a doença não infectava somente homens homossexuais, foi necessária uma mudança de nomenclatura, ainda com teor marcadamente degradante. Ela é rebatizada de doença dos 5H: homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroínômanos e *hookers* (profissionais do sexo). Nota-se que o processo de nomear a doença não é dissociado de uma série de juízos de valor condenatórios e vexatórios que acompanhou o processo de adoecimento e morte das pessoas afetadas. Num simples nomes encontra-se a latência da homofobia, do racismo e xenofobia, o desprezo à sexualidade e às populações de classe baixa, as quais são arcam com os riscos mais brutais provocados pelo vício em substâncias químicas e pela prostituição.

Afirmar que o HIV afetou principalmente os homens homossexuais seria, além de uma falsidade e má-compreensão da dimensão da pandemia, reafirma um estigma que essa categoria há anos luta para se desvencilhar. No entanto, não se pode ignorar o impacto devastador que a doença provou a esse grupo e nem o fantasma que mesmo nos dias de hoje, cerca de 40 anos após os anos de crise, assombra a esses homens.

O avançar dos anos em direção a próxima década é um avanço também no número de mortos e de contagiados; desconhecendo fronteiras nacionais, gênero, raça ou classe social, torna-se uma preocupação de todos, muito embora o peso bruto das estatísticas ainda recaísse sobre aqueles mesmos marginalizados. Foi apenas em 1985 que o então presidente Ronald Reagan mencionou publicamente o nome AIDS, cerca de quatro anos após a propagação dos casos, quando as dimensões da epidemia já alcançavam uma escala mundial irreversíveis.

O ativista Cleve Jones, que desde os anos 70 se empenhou em combater na esfera pública a discriminação aos homossexuais e posteriormente também se engaja no combate ao HIV/AIDS, observa com indignação a indiferença e o silêncio inquietante dos políticos em relação à questão da AIDS; em entrevista<sup>3</sup>, ele recorda o completo descaso das autoridades do governo estadunidense diante das inúmeras perdas humanas. Jones enfatiza em seus relatos desses primeiros anos de epidemia o visível definhamento corporal de jovens que há poucos meses estavam saudáveis, cujas peles foram cobertas pelas manchas arroxeadas do Sarcoma de Kaposi, o rápido desaparecimento do seu ciclo de amigos e colegas em poucos anos, esvaziando sua vizinhança em San Francisco.

Em 1985, durante a preparação da marcha anual das velas, em memória do ativista gay e ex-supervisor de São Francisco Harvey Milk, assassinado em 1978, o ativista pede

---

<sup>3</sup> Entrevista de Clive Jones concedida para BBC World News: Witness History: The stories of our times told by the people who were there, em 2020.

aos outros manifestantes que escrevam cartazes com os nomes daqueles que perderam para a AIDS. Ao final do evento, esses cartazes foram pregados nas paredes do San Francisco Federal Building. Observando-os em sua composição, Jones percebe que se parecem às colchas de retalhos – surge, assim, a fagulha inicial para seu futuro projeto comunitário NAMES. No entanto, a ideia só viria se materializar dois anos depois durante a Marcha Nacional em Washington pelo Direito das Lésbicas e dos Gays, no dia 11 de Setembro de 1987. A morte de mais um de seus amigos, Marvin Feldman, no início deste mesmo ano, foi o responsável pela produção da primeira colcha de retalhos do futuro acervo (AIDS Memorial; BALSAMO, FERREIRA, 2020). Esses episódios foram responsáveis pela criação do maior projeto de arte comunitária em processo e indicado ao Premio Nobel da Paz em 1989. O poder de seu impacto, para além de sua inquestionável capacidade de mobilização e valor cultural, se deve também a sua itinerância a diversas cidades em território estadunidense e outros países.

NAMES Project AIDS Memorial Quilt se apropria de uma tradição de costura observada em inúmeros povos espalhados ao redor do globo, em diferentes períodos históricos. O termo *quilt*, aqui traduzido como colcha, mais especificamente, colcha de retalhos, pode se referir tanto ao objeto quanto ao ato de fazê-lo. Para seu idealizador, a utilização da colcha de retalhos lhe apareceu como uma imagem de conforto e acalento em momento de profundo pesar. Jones reconheceu nesse projeto uma dupla possibilidade de ganhos: o ato de produção de uma colcha em homenagem a um ente perdido propicia uma relação terapêutica benéfica para quem o realiza, além de funcionar também como uma ferramenta para que a mídia compreendesse que, na realidade, aquelas estatísticas assombrosas se referiam a seres humanos reais (BBC NEWS, 2020). Diz ele: “se todos esses corpos fossem expostos num campo aberto, apodrecendo debaixo do sol, então as pessoas seriam obrigadas a encarar o problema” (BBC NEWS, 2020).

Cada colcha tem intencionalmente o tamanho aproximado de uma cova, cerca de 1,80m de altura por 1m de largura. Por sua vez, as colchas são costuradas em grupos de oito, formando um bloco; e cada bloco forma um grupo de quatro. A forma de junção de diferentes pedaços de tecido de cores, tamanhos e texturas diferentes tornados como a unidade da colcha se expande na formação de outros subgrupos que, numa visão panorâmica, forma uma única colcha de retalhos comunal. Para Jones, o valor de mostrá-las todas juntas daria a dimensão de quanta terra seria coberta caso esses cadáveres fossem enfileirados (BBC NEWS, 2020).

As exposições públicas de NAMES não se restringiam apenas à exibição das colchas de retalhos; há uma ritualística fúnebre própria ao evento. Oito voluntários executam o cuidadoso ato de desdobrá-las enquanto um orador recita os nomes dos falecidos rememorados nos tecidos. Os visitantes, compostos majoritariamente pelos feitores das colchas, por amigos e familiares, mas também por outros transeuntes que se veriam compelidos a se aproximar dessa demonstração pública de pesares, prestavam suas

homenagens, despediam-se, encaravam sua própria mortalidade e destino; para muitos, as exposições de NAMES foram os únicos espaços em que lhes foi permitido experimentar seu luto, pois não raramente as famílias de sangue dos mortos excluíam os amantes e amigos de suas cerimônias. (ABC News Washington, 1987).

A escolha da data e do local não foi leviana. Cleve Jones relata: “[Washington, D.C.] é uma cidade conhecida por seus monumentos, feitos de pedra e aço, e nós levamos um monumento lá que era feito de pano e linha costurado por americanos comuns e pessoas ao redor do planeta inteiro que amaram alguém que morreu de AIDS e que queria que fosse lembrada” (BBC News, 2020).

A disputa pela memória é também uma disputa pelo nome dos mortos, por aqueles que devem ser preservados da deterioração natural do tempo. Dessa, como demonstra Aleida Assman, pode-se compreender a importância dos espaços de rememoração para uma cultura:

A memória cultural tem como núcleo antropológico a memoração dos mortos. Isso significa que as pessoas de uma família devem guardar na memória os nomes de seus mortos e eventualmente passá-los às gerações futuras. A memoração dos mortos tem uma dimensão religiosa e outra mundana, que se opõe entre si como *pietas* e *fama*. Piedade é obrigação dos descendentes de perpetuar a memoração honorífica dos mortos. Piedade é uma coisa que somente os outros, isto é, os vivos podem ter pelos mortos. Já a *fama*, isto é, memoração cheia de glórias, cada um pode conquistar para si mesmo, em certa medida, no tempo de sua própria vida. A fama é a forma secular da autoeternização, que tem muito a ver com a autoencenação. (Assman, 2011, p. 37).

As formas de preservação da memória carregam em si disputas de poder próprios ao seu momento histórico e se desenvolvem, invariavelmente, como mecanismo de segregação: o que se mantém como imagem da cultura e o que é relegado ao esquecimento. Na fala de Jones, é perceptível as diferentes perspectivas mnemônicas e narrativas postas em jogo, metaforizadas a partir da comparação formal entre materiais empregados na construção desses espaços, seus meios de rememoração e os grupos que mobiliza. Por meio de um depoimento aparentemente simples, encontram-se recursos de análise que, postas diante da totalidade do contexto descrito, evidenciam as disputas políticas e interesses antagônicos entre classes dominantes e aquelas populações que convenientemente morriam em ritmo acelerado.

A capital dos Estados Unidos ostenta em seu patrimônio material sua narrativa de *fama*, a “autoencenação”, como afirma Assman, de si mesmos enquanto potência imperial da contemporaneidade, de berço da democracia ocidental, terra da liberdade individual, conquistada por meio do da Constituição de 1787, cuja paternidade é disputada entre os signatários humanos e a inspiração divina. Erguem-se a essa narrativa os monumentos para celebrar uma cultura gloriosa, à imagem e semelhança da moda imperial romana,

satura a paisagem de imponentes construções alvas de granito e mármore como coerção argumentativa. Entre tantas construções comemorativas, destacam-se o de maior opulência, não ao acaso aqueles que condensam na paisagem a memória da política burguesa e da guerra, como são exemplos: os memoriais para os presidentes Thomas Jefferson e Lincoln, o memorial para a Guerra do Vietnam, para os veteranos da Guerra da Coréia, da Segunda Guerra Mundial, a tumba para o “Soldado Anônimo”. Saturada por essas histórias, a cidade é mais povoada por fantasias e espectros do que pelos vivos; a capital Washington promove-se como uma cidade da memória, mas vale questionar: memória de que tipo, memória de quem e para quem? Nas palavras de Walter Benjamin, os bens culturais, os “despojos” da história dos dominados, nada mais são do que a herança transmitida dos vencedores do passado, os formatadores das condições do presente, a seus descendentes vivos, os vencedores de hoje, seus perpetuadores (BENJAMIN, 1994, 225).

Se a memória cultural dos monumentos de Washington D.C apelam para dimensão da fama, NAMES é claramente um espaço para a piedade. Ao negar a retórica do poder das representações heroicas, é possível inseri-lo no contexto estético dos antimonumentos. Marcio Seligmann assim os define:

(...) o sentido heróico do monumento é totalmente modificado e deslocado para um local de lembrança (na chave da admoestação) da violência e de homenagem aos mortos. Os antimonumentos, na medida em que se voltam aos mortos, injetam uma nova visão da história na cena da comemoração pública e, ao mesmo tempo, restituem práticas antiquíssimas de comemoração e rituais de culto aos mortos. (Seligmann, 2016 p.50)

Há uma relação convincente entre NAMES e o monumento de 1982 idealizado pela arquiteta Maya Lin, “Monumento aos Veteranos do Vietnam”, como exploram Blair e Michel (2007). Não há documentação que prove se houve ou não uma influência direta deste no processo de concepção de Cleve Jones, no entanto, algumas sincronidades esteticamente potentes surgem para encaminhar reflexões quando comparados às duas experiências.

A Guerra do Vietnam é um ponto sensível da história recente dos EUA. Por essa razão, o Monumento aos Veteranos do Vietnam, mesmo tratando-se de uma obra de cunho comemorativo – ou justamente em decorrência do fato de sê-lo –, provocou inúmeras polêmicas quando inaugurado por não fazer diversas concessões às formas mais tradicionais do gênero, na qual o elemento figurativo produz um claro efeito pedagógico e moral. Num declive do terreno, se instala, lado a lado, uma série de granitos negros nos quais se inscrevem os nomes dos soldados que lutaram na referida guerra, sem patentes, datas ou localizações geográficas. A superfície do material reflete os transeuntes e a paisagem ao redor.

Além do emprego do nome próprio e a horizontalidade (CAROLE, MICHEL, 2007, p. 598), divergindo da verticalidade observada em grande parte dos monumentos, ambas



as obras em questão homenageiam, em certos termos, uma derrota: da vida sobre a inexorabilidade da morte. Por essa razão, a obra de Maya Lin está cuidadosamente assinalada como um como um memorial para os veteranos e não um memorial de guerra (CAROLE, MICHEL, 2007, p.601). No entanto, os meios de sua expressão, a quem essa derrota se refere e as instâncias que ela mobiliza são radicalmente distintas, e essa distinção encontra meios materiais e estéticos de expressão. A retórica do monumento persiste, ainda que em seu caráter de “anti-heroísmo”, uma demanda do Estado, ou seja, a narrativa da história que esse Estado busca transmitir; uma histórica belicista, um monumento que oculta a derrota da maior potência militar mundial e que, por meio da inversão, não coloca em questão a ideologia imperialista estadunidense e o peso destrutivo que ela despende sobre outras nações, um exemplo ideal para a máxima benjaminiana: “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. (BENJAMIN, 1994, p.225).

As colchas de retalhos de AIDS Memorial Quilt radicalizam a horizontalidade, atirando-a ao chão, ao lugar próprio dos cadáveres. A frieza austera da pedra esbranquiçada ou negra é substituída pelo calor dos cobertores coloridos, feitos para a escala e os usos do corpo - um corpo ausente, que após a infecção foi se subtraindo, emagrecendo até que lhe desaparecesse a vida. Junto ao cobertor, usado como base comum, com suas dimensões padronizadas, uma série muito vasta de outros materiais, técnicas e intervenções diretas no momento da exibição coletiva são empregadas para evocar a memória daquele indivíduo homenageado; a colcha se torna um espaço biográfico no qual se narra as diversas instâncias profissionais, afetivas e simbólicas de alguém; uma ação ao mesmo tempo privada, contida no ato do fazer, do sofrimento e da homenagem, escapa a essa esfera estritamente pessoal para tornar-se parta de uma celebração coletiva pela memória. onde Cada colcha é um testemunho indiscutível de uma biografia correspondente a um indivíduo específico, porém ela também funciona, dialeticamente, como um espaço vazio de personalismo, onde se projeta a presença-ausência de qualquer ente querido que foi morto ou que irá morrer pelo vírus.

Num ato de “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1994, p.225) NAMES opera de muitas outras maneiras particulares. Trata-se de uma iniciativa que parte da sociedade civil, de um militante e de seus associados, feito pela mão do cidadão comum a partir de materiais cotidianos, que dão forma a um objeto de uso cotidiano; um “antimonumento” que não apela para heroísmo ufanista como fonte de comoção. Esses nomes, varridos para debaixo do tapete, se impõem ao olho do governo ao acamparem diante da “casa do povo americano” para que não ele possa mais desviar o olhar; uma ação temporária e cuja materialidade é frágil diante da passagem do tempo, que após sua apresentação e jornada por diversas cidades, se recolhe, é dobrada e guardada de volta a seu acervo, ou ao “armário” da história estadunidense.

Vale ressaltar que este “antimonumento” não é uma marca de identidade dos grupos



LGBT, ou dos homens gays, mais especificamente. NAMES Project AIDS Memorial Quilt se insere num contexto mais amplo de produções que respondem à AIDS na interseção entre prática política e artística.

Diferentemente de outras iniciativas de celebração pública que marcam o fim de um conflito, NAMES não se insere nessa perspectiva, já que a questão do vírus HIV está longe de ser solucionado. Os avanços tecnológicos não ocorrem de maneira homogênea ao redor do globo. Em países da centralidade do capitalismo, como boa parte da América do Norte e Europa Ocidental, há uma situação menos dramática; no entanto, mesmo ali, as desigualdades sociais são fatores determinantes para o acesso a tratamentos e prevenção, a situação se agrava. Nas periferias do sistema, as formas de combate são ainda mais desiguais. Mesmo o Brasil possuindo um tratamento gratuito pelo SUS, o acesso a esse tratamento na prática é dificultado pela distância entre os projetos de lei e a realidade concreta.

Pensando numa perspectiva que insere os EUA e sua atuação na geopolítica mundial os usos ideológicos de sua coleção de monumentos, contribuem para exportar discursos que louvam a ideia de liberdade e da democracia burguesa. A exportação dessas ideias em abstrato é aparelhado para implementação de medidas de subjugação política-econômica ao longo do globo. Iniciativas como NAMES também precisam ser inseridas dentro desse contexto. Os esforços, verdadeiramente nobres e importantes resultantes do projeto possuem um limite de alcance, um limite que quando extrapola as fronteiras nacionais, serve a apenas um restrito número de aliados políticos de equivalente poderio políticoeconômico ao norte-americano ou em regiões estratégicas de interesse. Mesmo reivindicando um local de celebração e de memória de pessoas cujos direitos, na época, encontravam-se ameaçados e subjugados por uma série de políticas de silenciamento, a possibilidade de concepção de um projeto como NAMES é um privilégio restrito. Pensamos no Brasil da década de 80 e nos fantasmas da ditadura civil-militar que, na época, abrandava sua ação direta e que, mesmo hoje, é uma presença que constantemente ronda nossa organização política; em meio a crises econômicas e as intensas disputas para a construção de um novo projeto de país, um local público que permitisse rememorar as perdas pelo HIV não poderia nem ser concebido como um sonho distante. Hoje, mais de trinta anos passados, diante de lampejos de tantos perigos em que “o inimigo não tem cessado de vencer” (BENJAMIN, 1994 22.4-5), uma proposta como esta se mantém igualmente a distância, não importa que outro vírus já tenha assumido o protagonismo das manchetes.

## REFERÊNCIAS

ABC NEWS WASHINGTON, reportagem de 11/10/87, *First Display Of Aids Quilt At The Mall In Washington*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KnjMvq6qrLE&t=102s> Acesso em: 30/08/2020. 16'35'

AIDS Memorial. *Quilt History*. Disponível em: <https://www.aidsmemorial.org/quilt-history>. Acesso em 30/08/2020

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011

BALSAMO, Anne. FERREIRA, Leticia. *Video Essay the AIDS Memorial Quilt: Origins, Legacy, Futures*. Dean, School of Arts, Technology, and Emerging Communication (ATEC) at UT Dallas. Parceria National AIDS Memorial. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=7HsDs3YRRZg&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=7HsDs3YRRZg&feature=emb_logo). Acesso em: 30/08/2020. 6'30"

BBC World News: Witness History: The stories of our times told by the people who were there. Entrevista com Cleve Jones. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hX0Ju8lhoXQ>. Acesso em: 30/08/2020. 5'20".

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* [7. ed]. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLAIR, Carole. MICHEL, Neil. The AIDS Memorial Quilt and the Contemporary Culture of Public Commemoration. In: *Rhetoric & Public Affairs*. East Lansing: Michigan. Vol. 10, No. 4, 2007, pp. 595–626, 2007

CRIMP, Douglas. *AIDS: análise cultural/ativismo cultural*. Tradução Daniel Lühmann. In: *Histórias da Sexualidade: antologia*. Organização Adriano Pedrosa, André Mesquita. São Paulo: MASP, 2017.

IASI, Mauro Luis. *Alienação e ideologia: a carne real das abstrações ideais*. In: *Anais NIEP-Marx Marx e marxismo 2015: Insurreições, passado e presente*. Niterói, 2015. Disponível em: <http://niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2015/anais2015/mc47/Tc472.pdf> Acesso em: 30/08/2020

KRAUS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. *Gávea. Revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil da PUC-Rio*, n. 1, p. 128- 137, 1984. Reedição disponível: [https://monoskop.org/images/b/bc/Krauss\\_Rosalind\\_1979\\_2008\\_A\\_escultura\\_no\\_campo\\_ampliado.pdf](https://monoskop.org/images/b/bc/Krauss_Rosalind_1979_2008_A_escultura_no_campo_ampliado.pdf) Acesso em: 30/08/2020

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e a invisibilidade lésbica. *Revista Bagoas*. Natal. Volume 4, número 5, pág. 17-44, jan/jun 2010.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. Antimonumentos: trabalho de memória e de resistência. *Psicologia USP*. São Paulo. Volume 27, número 1, pág. 49-60, 2016.

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Tradução e introdução Barbara Heliodora. - [Ed. especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *A revolução vietnamita: da libertação nacional ao socialismo* (Revoluções do Século 20). São Paulo: Editora Unesp, 2008.

WITTIG, Monique. *Pensamento "Straight"*. Tradução Julia Pereira Lima. In: *Histórias da Sexualidade: antologia*. Organização Adriano Pedrosa, André Mesquita. São Paulo: MASP, 2017.

WILDE, Oscar. *De profundis e outros escritos do cárcere*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**LILIAN DE SOUZA** - Atua como professora de língua espanhola na Faculdade de Tecnologia de São Paulo - câmpus Itu, Americana, Piracicaba e Araras. É Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Educação Sociocomunitária pelo Centro Universitário Salesiano, UNISAL. Especialista em Secretariado Executivo pela Faculdade de Tecnologia Internacional e licenciada em Letras - Português e Espanhol pela Faculdade de Americana. Sua pesquisa de mestrado discute o ensino de língua espanhola sob a ótica da Educação Sociocomunitária e do Multiculturalismo. A pesquisa em andamento de doutorado realiza uma conversa entre a Educação Sociocomunitária e a teoria contemporânea da Translinguagem nas aulas de ELFE (Ensino de Línguas para Fins Específicos). Participou do Projeto colaborativo Internacional entre a Faculdade de Tecnologia de Itu e a Jamestown Community College - Estados Unidos e com a Universidad Politécnica de Monterrey - México. Também participa do PCI BRASIL Y COLOMBIA, entre FATEC Piracicaba e Universidad Uminuto da Colômbia. Atua como revisora e tradutora da revista V@rvitu da Faculdade Dom Amaury Castanho. Coordena o projeto Social FATEC AMIGA - Fortalecendo Valores, na cidade de Itu e região.

**FERNANDA TONELLI** - Trabalha como professora de língua espanhola no Instituto Federal de São Paulo - câmpus Capivari. É Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp-Araraquara, com estágio doutoral no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal. Mestre em Linguística pela UFSCar e Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da EaD, pela UFF. Graduada em Letras - Português/Espanhol pela UFSCar. Suas pesquisas de Mestrado e Doutorado têm como temática significados sobre o componente (inter)cultural no ensino/aprendizagem português e espanhol línguas estrangeiras. Foi professora de Espanhol no curso de graduação em Letras da Universidade Federal de São Carlos durante 2013. No ano acadêmico de 2014/2015, foi professora de língua portuguesa na Utah State University, Estados Unidos, pelo Programa FLTA (Foreign Language Teaching Assistant), da Capes/Fulbright. Também tem experiência em projetos na área de Português Língua Materna na modalidade a distância. Seus focos de interesse são: cultura, interculturalidade crítica, estudos culturais latino-americanos, decolonialidade, formação de professores, espanhol e português línguas não maternas.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alegria breve 154, 155, 156, 157, 159, 160, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 172

Alheamento à tradição 133

Ana Cristina Cesar 185, 186, 188, 191, 198, 199

A rosa púrpura do Cairo 25, 27, 34, 35, 39, 40, 41, 42

Ativismo 296, 300, 310

### C

Cinema 3, 5, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 98, 99, 129, 130, 200

Contaçon de histórias 215, 216

Cotas raciais 261, 263, 264

### D

Distanciamento social 291, 292

### E

Educaçon musical 261, 262, 264, 265, 270

Emancipaçon 5, 39, 131, 208, 211, 212, 213, 214, 303

Etnomusicologia 261, 262, 270

Existencialismo 154, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 172

### F

Formaçon inicial de professores 261, 265

### G

Goya 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90

### H

História da música brasileira 17, 24

Histórias em quadrinhos 34, 66, 68, 69, 72

HIV/AIDS 300, 304

### I

Identidade nacional 1, 4, 18, 174

Instauraçon cênica 240, 242, 244, 246

Interseccionalidade 201, 203, 205, 206

## **J**

Joaquim Nabuco 50, 51, 53, 55, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 64

Jogo ficcional 215, 216, 217, 221, 225

José de Alencar 173, 174, 176, 178, 179, 182, 183

Judith Butler 173

## **L**

LGBT 300, 301, 302, 309

Literatura africana 143

Literatura portuguesa 159

## **M**

Machismo 173, 183

Melodrama 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 35, 39, 40, 41, 43

Mia Couto 142, 143, 148

Moçambique 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 148

Monumentos 51, 52, 53, 61, 64, 196, 300, 306, 307, 309

Morte 31, 51, 52, 57, 58, 63, 64, 65, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 104, 119, 125, 126, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 149, 150, 151, 157, 158, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 170, 171, 181, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 209, 225, 226, 288, 304, 305, 308

Mulheres 44, 46, 47, 60, 101, 102, 103, 108, 111, 167, 170, 171, 173, 174, 177, 183, 186, 202, 203, 205, 206, 208, 209, 211, 213, 214, 231, 234, 273, 278, 279, 282, 283, 284, 286, 287, 288, 302, 303

## **N**

Nacionalismo 1, 3, 4, 7, 10, 12, 14, 139

NAMES Project AIDS Memorial Quilt 300, 303, 305, 309

## **P**

Patriarcalismo 173, 212, 213

Percepção visual 66, 78, 79, 88

Período pós-independência 133, 137, 138

Pertencimento 140, 201, 206, 229, 230, 234, 236, 238, 267, 287

Programa de intervenção 247

Psicanálise 44, 49, 114, 220, 238, 240, 241, 242, 246

Psicologia da performance 247, 251, 260

## R

Racialização 17, 18, 23

Racismo 24, 202, 204, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 302, 304

Realismo 32, 148, 154, 226

Relações de gênero 173

Renato Almeida 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24

Resistência 3, 101, 102, 103, 104, 106, 114, 120, 136, 138, 174, 181, 232, 235, 236, 240, 242, 246, 275, 278, 302, 310

Romance indianista 173

## S

Santo Amaro 50, 51, 53, 55, 57, 58, 61, 63, 64, 65

Simone de Beauvoir 173, 182

Super-heróis 66, 67, 68, 75

## U

Ungulani Ba Ka Khosa 133, 134, 138, 139, 140

## V

Vergílio Ferreira 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 165, 171, 172

Vida 9, 14, 19, 20, 21, 26, 27, 31, 34, 41, 46, 48, 52, 53, 55, 56, 57, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 70, 76, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 114, 117, 118, 119, 121, 125, 127, 129, 130, 135, 136, 143, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 212, 213, 217, 221, 224, 225, 226, 227, 232, 238, 242, 243, 244, 245, 247, 250, 266, 269, 272, 273, 279, 283, 284, 297, 301, 302, 303, 306, 308

## W

Woody Allen 25, 26, 27, 33, 34, 39, 40, 41, 42

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2021

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021